

VELAS E ANCORAS

Livro 1

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



AS MINHAS SOMBRAS

Onde andarão as minhas sombras eloquentes? Já não me desenham em insistente duplicação, copiando todos os meus movimentos. Cansadas de me acompanharem, hoje me esperam em algum lugar qualquer. Ando ao seu alcance, ofereço recompensa.



DECONVIDO

Desconvido o resto dos meus dias, nego o alimento que me desgasta a durabilidade.

DESFECHOS

A umidade e a sede generalizadas causam desfechos, tentações, procuras, assombros e medos. Desorganizam, atemorizam, produzindo em mim incertezas de ser amado. Se me for dada a escolha germino ideias escolhidas: a vida com o sangue novo e a esperança redimida em novidades.



MONTO GUARDA

Monto guarda à tua porta esperando que a vida adote tudo que valha a pena, que se cancelem os ruídos que impedem as solidões.

ARDENTES PERGUNTAS

Ofereço-me o maior símbolo de amizade: ardentes perguntas, sinceras questões. Adoro verter meu tempo com crianças, com dias tranquilos, apesar de estar próximo a uma gente ruidosa. Quando descubro um silêncio anunciando o fim do dia, então posso começar o luto pela noite de cada dia. Vivo de importar bens imateriais, despedindo meus preconceitos junto com as roupas. Opto deitar-me inventando melhores companhias para dormir em paz.



ROUPAS DE FESTA

Às vezes tenho vontade de vestir roupas de festa, sem fazer a festa, fingir algum domingo metido no meio da semana enganando a timidez dando passos a surpreendentes alegrias.

ABRAÇOS

A noite sonho com enorme esforço em coordenar a distribuição de abraços levados a sério toda vez que se faz necessária alguma diversão. Com elas crescem-me novos humores, acessórios, complementares, estritamente necessários.



HUMORES PRINCIPAIS

Vivo periodicamente de pequenas surpresas. Morro de vontade de contar com os humores principais.

ACOLHIDA

Salvando-me das contraditórias e das insistentes euforias, prometo chegar às entranhas, ao centro dos amores. Confio na inspiração, conto com a fidelidade da vida que em confirmada acolhida me permite repartir.



NOVOS SONHOS

As minhas derrotas animadas por um novo tentar, guiaram uma viagem farta de utopias. Encontro-me falando novamente nas minhas ilusões, farto de tanto querer, de vergonhas singulares, de rituais que aceleram resultados, com medo que imprevistos autofágicos debilitem os novos sonhos.

ESGOTADO

Sinto-me esgotado em emoções; as minhas e as que não o são.



ESQUEÇO

Esqueço de por a mão no fogo, de acordar antes do sono acabar, de ir à escola deixando a alma em casa, de viciar-me em acreditar nas pessoas.



RENASCER

Nasço de novo para ter encontros mais sutis que renovem a espera de um tempo que me deixe menos triste. Disfarço minhas evidentes desvantagens frente ao que aprendi a temer, preciso aprender a tolerar menos. Assisto a uma estúpida arrogância versus o vazio dos valores.

VERSÕES

Há versões nas entrelinhas, nas fendas, nos mimos, em fantasias que não se perdem na memória, no amor dos ocasos e das auroras. Insisto em tentar doses de coragem para repetir o vivido.



ATUO

Atuo sem tomar as devidas precauções, como se não houvesse mais as consequências.



TANTOS

Tantos “nadas”, tantos “sem depois”; fico com pouco por agradecer, quase incapaz de matar todos os meus silêncios, minhas íntimas glórias, minhas escondidas vontades; insisto em reduzir a memória até o terreno dos acasos e das auroras.

VULCÃO

Em silêncio, elevo o amor ao grau de vulcão.



A MORTE

Acostumei-me a ver a morte cercada de insensibilidades.



A SOLIDÃO

A solidão parece sair pelos poros anunciando desagrados em compartilhar a companhia do esquecimento. Pretende devolver-me seu valo.guardo com atenção e acolhida.

ABRO MEU CORAÇÃO

Reintroduzo a poesia em minha vida, torno meu coração um território habitável, livre e digno à recepção. Lanço todos os ciúmes numa luta de preservação louca, carregado de dúvidas, tensões, consagro uma fascinação selvagememente proprietária. Sinto-me saído da caverna, vivendo uma constante aventura indefinida. Depositei a paz em outro lugar, ando de braços abertos ao incerto, à aceitação da falibilidade. As únicas fontes que me constam são água, pedra e rio. Invento totens, amo deusas, reverencio delicadezas e gentilezas, desdubro o empenho e a razão para que, unidos, sigam dando-me a versão poética da vida e um caminho que se revele suficiente para minha loucura e minha coerência.

RASCUNHO FANTASIAS

Rascunho fantasias quando se me impõe o incômodo. Moldo-me, sei que o tempo está logo ali, esperando minhas fragilidades para entrar em minha vida. O tempo se ocupará das minhas convicções, pesará no meu rosto, tomará as articulações de assalto, tentará recheiar meus vazios dando-me uma suspeita sensação de existir.



PEDAÇOS

O esquecimento arrancou-me pedaços. Esgotou todos os recursos.

FUTURO COMUM

Envergonha-me ver essas gentilezas desperdiçadas, entornando as miopias que ocupam o lugar dos olhares, tornando a desonra uma confusão, a dor, os desacertos da alma, juntos nesse desfiladeiro que antecipa a morte do amor. Empenhos inúteis para aproximar só empurram mais rancor dominando a cena que atira provocando feridas mortais no futuro comum.



TANTOS ANOS

Tantos anos, muitas horas sucessivas me trazem um fogão à lenha com chapa de aço e brasas, ocupando um precioso lugar na minha intimidade. Cravadas na parede, umas fotos que somente deixam passar algumas caras familiares e lugares conhecidos. Ficam, todavia, muitas saudades, um pedaço de vazio no meu apetite, um cabide que guarda o chapéu de meu pai e uma luminária central metida entre cristais.

A vida se me foi concedendo aos poucos lembranças como se fossem marés, me acostumando a conviver com as faltas de liberdade e com o claustro.

Vejo a sombra daqueles dias. Quisera poder salvar alguma coisa da minha velha casa. Subitamente, meus olhos se fixam em um objeto que contemplei muitas vezes; um relógio de parede que insiste em badalar.



PLANÍCIE

Essa planície imensa feita de realidade me trouxe desamparo. As severas transições tornaram inevitável o vício incorrigível de voltar atrás no tempo, que se me entra selvagem como um vento porta adentro e joga pó no meu caminho, limitando até onde posso chegar. Sendo assim, quando o corpo se me põe a tremer, ao menor indício de uma saudade costumeo estremecer como se fosse uma criança diante de uma assombração.

APAREÇO E DESAPAREÇO

Apareço e desapareço nos lugares onde, às vezes, tenho entrada livre, embora em outras pareço, tenha o acesso vedado. Já não filtro as pegadas. O farol manipulado por piratas me joga contra as pedras, não posso favorecer-me dos meus sentidos, eles fluem noutra dimensão. Tudo aquilo que era o mundo em que eu vivia, hoje oscila entre o supra mundo rico e o submundo pobre, colunas entre as quais me escondo. Já não faço nascer em mim perguntas, esqueci respostas. Apago a luz.



ANDO A PROCURA

Ando a procura de quem faça as pazes, faça cerimônia, faça a cama, beije com gosto, abrace intimamente, atraia, me favoreça alguma inspiração, me perdoe os excessos, que prove da minha comida, tenha bom humor para distribuir, faça falta, dê ideais, cante, torça pelo Botafogo, faça promessas e as cumpra, que

guarde uma cópia das minhas chaves, que me leve a passear, que me proteja da fúria própria e alheia, que me faça gozar em paz e me atravesse favoravelmente, que invente estacionar meu desejo, garantindo que ele não irá entrar numa fria.



PELA INSÔNIA

Desperto cansado pela insônia que me fez sentinela. Roubo descanso do meu descanso quando percebo que muitos dos meus erros nasceram da pressa. Delas nasceu o impedimento, para quem como eu, tenho nas atitudes insistentes, persistentes, a construção de crenças. Parece que nelas o mal não encontra guarida nem acolhida. Não sei quando e onde começar a graça e onde parar a contradição.

OBRA INACABADA

Da inspiração faço moda, misturo o destino pessoal com um equilíbrio inconstante afastando os medos desmedidos. Mantenho a raiz umedecida. Cuidadas as entranhas fico feito os fragmentos de uma obra inacabada.



ACREDITEI

Acreditei que pudesse ficar isento, fiquei com a serena insatisfação corroendo meus dias, alimentando algumas penas que de tão frágeis nem mágoas alcançaram ser, nem forças experimentadas, nem sacrifícios, nem expectativas.

Aquele que derramando lágrimas espera como eu alguém lhes acolha em seus descaminhos, no fundo choram suas tristezas por chorar como um mantra que denuncia nada mais acreditar. Meus olhos veem sombras onde há luz, e meu padecimento é maior que as minhas vontades.

DA INSPIRAÇÃO

Da inspiração faço moda, misturo o destino pessoal com um equilíbrio inconstante afastando os medos desmedidos. Mantenho a raiz umedecida. Cuidadas as entranhas fico feito os fragmentos de uma obra inacabada.



PLANÍCIE IMENSAS

Essa planície imensa feita de realidade me trouxe desamparo. As severas transições tornaram inevitável o vício incorrigível de voltar atrás no tempo, que se me entra selvagem como um vento porta adentro e joga pó no meu caminho, limitando até onde posso chegar. Sendo assim, quando o corpo se me põe a tremer, ao menor indício de uma saudade costumo estremecer como se fosse uma criança diante de uma assombração.

TANTOS ANOS

Tantos anos, muitas horas sucessivas me trazem um fôgão a lenha com chapa de aço e brasas, ocupando um precioso lugar na minha intimidade. Cravadas na parede, umas fotos que somente deixam passar algumas caras familiares e lugares conhecidos. Ficam, todavia, muitas saudades, um pedaço de vazio no meu apetite, um cabide que guarda o chapéu de meu pai e uma luminária central metida entre cristais.

A vida se me foi concedendo aos poucos lembranças como se fossem marés, me acostumando a conviver com as faltas de liberdade e com o claustro.

Vejo a sombra daqueles dias. Quisera poder salvar alguma coisa da minha velha casa. Subitamente, meus olhos se fixam em um objeto que contemplei muitas vezes; um relógio de parede que insiste em badalar.

ESSAS GENTILEZAS

Envergonha-me ver essas gentilezas desperdiçadas, entornando as miopias que ocupam o lugar dos olhares, tornando a desonra uma confusão, a dor, os desacertos da alma, juntos nesse desfiladeiro que antecipa a morte do amor. Empenhos inúteis para aproximar só empurram mais rancor dominando a cena que atira provocando feridas mortais no futuro comum.



PARA ALGUÉM

Para alguém como eu que não costumo pedir auxílio, deixo extravasar a onipotência de crer que não necessito da apelação bastando ir ao encontro da felicidade confirmada.

TER ÊXITO

Aqui vim procurar um valor que ainda funcione, e, sempre que possível, que instale a esperança para que ela seja alcançável. Com vistas a aumentar meu capital íntimo, minha solução caseira foi ativar a procura, enquanto a realidade permita. Incursiono pela novidade, me causo prazeres, quase me faço promessas. Faço disso um modo de ser, nem sempre alcanço ter êxito.



ESCASSAS CERTEZAS

A mágica possibilidade de sonhar vivia devolvendo-me ao estado perenal, tal a força e a paixão com que me dominava, dissipando meus medos, pondo em furiosa fuga todas as ameaças que vinham destruir-me, atormentar-me. Noite após noite, decidido a recuperar a capacidade de sonhar, devorava a memória que inventou meu mundo e deu nome às minhas escassas certezas.

SOB O OLHAR

Correr em todas as brincadeiras sob o olhar que controlava, não admitia invenção de itinerários. Tentei de explicar que valiam os disfarces, que eles faziam parte do jogo, mas os gritos dissipavam este argumento, emboscando minha liberdade, tirando-me o uso livre do tempo e do espaço. Dispunham da minha paciência, da minha hora, da minha vontade, provando-me ser um incauto por querer voar, por não ser obrigado a saber tudo o que queriam que eu soubesse.



ENFEITO

Enfeito com um vinho e uma refeição alguns vazios, engordo essa fome que comida não mata. Tento aderir aos que creem tornar brilhantes as poluições, declarar judicialmente obsoletas e infundadas as injustiças. Proibir a fabricação das minas que mutilam e por letra no analfabetismo, erradicando-o. Repreendo tudo o que caducou e ainda sobrevive. Esses produtos e seus produtores que enganam com bons modos.

DOBRO A ESQUINA

Dobro a esquina, me apoio no corrimão que insiste em acompanhar um declive e adoto a postura de quem caminha sem nada pensar.



TOMEI AS FEIÇÕES

Tomei as feições que o tempo me impôs sem escolha. Não contente, ele tomou-me alguns direitos que não posso confessar, cassou-me a tolerância e a dicção, a vista plena e uma fácil digestão. Por que não me doou um músculo forte para sustentar a tantos a quem faltam braços e abraços, um olhar que pusesse cor ao cinza da tristeza e uma liderança que congregasse todos os sozinhos? Não há de me faltar lugar onde eu possa esconder a memória que guarda a afeição desse olhar que não arreda de mim.

ACALENTANDO

Acalentando nos braços um lugar para acomodar a minha ânsia, converso com o aventureiro que perdeu o sentido e abandonou a espada, a máscara e a fantasia. Entusiasmado com a vida comum, me distraio todos os dias com o que vejo e tento dar um lugar e uma direção para esses poucos populares sentidos que fizeram de mim um mortal documentado, cantor, autor que, concordando ou não, fez esse ser que sou.



ALCANÇO TOMAR

Alcanço tomar conhecimento de que os momentos confiscados pelo esquecimento serão devidamente devolvidos. Como não vivo de tristezas, me animo com fantasias com finais felizes. Acostumado a sofrer golpes e ferido por gestos pouco nobres, pouco posso resistir ao enfrentamento que me causa sustos e inscreve maus tratos na memória. Ainda assim,

vivo de espantos. Reparto a cama, como no mesmo prato, partilho esperas, choro perdas comuns, tenho como relíquias as dores e os gozos alojados em cada lembrança que me adorna a vida.



DE TANTO

De tanto assistir às injustiças, não mais me envolvi com a vida. Refugiei-me numa sala sem pompa e sem flores. Diviso as entrelinhas que enxertam algum principio que nada mais vale. Todos os espaços ocupados pelo virtual demitem as virtudes, arruinando encontros, odores, paladares, essas percepções que obrigam as presenças.

ESSENCIAL

Distribuo os assuntos segundo a importância. Frequentemente, divagar tem a vantagem de dar o mesmo destino a tudo, nivelando o espírito e as carências. Já não exijo cultos nem respeito. Foi-me indeferido o pedido de alforria, portanto não posso expressar mais minha opinião nem encontro palavras para exprimir o que eu gostaria. Que sentido tem minha queixa? Doem-me quando me tocam as feridas. Perdi-me das guias, esqueci-me de guardar-lhes a referência, não tenho a hora e o essencial.



SE EU

Se eu não temesse o desafio, o sofrimento e a dor, não entenderia que sem eles a vida não existe. É dessa maravilhosa e doída aventura que falo. Trago viva a dádiva e o dano, o pavor e o fervor, um ideal que alimenta uma paixão e carrega consigo a esperança íntima, da qual sou servidor e de um temor que alimenta um ódio e carrega uma desistência.

DECLARO

Declaro solenemente minha gratidão à vida. Provo minha cobiça lapidando o reconhecimento. Insisto em tentar ser livre, em deserdar enganos, tramas e intrigas. Reduzir a pó as máculas, algum resto de culpa que por descuido ainda cultivo.



UM SUSPIRO

Um suspiro que brota da alma parece chegar ao fundo e ao principal. Nega-se a aceitar sua supressão e, alterando as regras do silêncio muda hábitos e pareceres.

DESABITUEI

Desabituei-me de deixar verter meus sentimentos mais autênticos por medo do vazio que eles iriam encontrar no silêncio das pessoas.



COM OS BRAÇOS CRUZADOS

Com os braços cruzados e o olhar aflito deleito-me com o que a melancolia é capaz de provocar em mim. Ela dá-me a dimensão do irrecuperável, do perdido, do que eu jamais voltarei a provar ou ver. Ela me transmite uma delegação de poderes: de criar, de evocar, de fazer acontecer.

Consinto em não apertar as mãos da fugitiva calma que me cala a criação. Mesmo sem fazer uma ode, a angústia, qualquer que seja, por sua perfeição ou bondade faz-se digna.

EMBORA

Embora não pareça, não me incomoda um fim próximo, nem as belezas que deixarei de ver. Incomoda-me essa declaração de impotência temporal vencido por um desgaste maior do que um simples corpo pode sustentar. Gastado por estímulos excessivos, sou forçado a aquietar-me na noite escura usando o ar com parcimônia e a companhia da vida com gratidão. De tão agradável, não ousou declamar a graciosa e discreta natureza contida no informe que o tempo oferece cada dia, no jeito de como acordo, profundamente metido na vida plena que se oferece para ser vivida a cada dia.



HESITO

Hesito um momento, temeroso de desagradar os lugares e as pessoas que me cercam. Em tal ocasião, com certeza absoluta, por causa de alguma ação fortuita aqueles a quem mais amo provavelmente não virão. Mostrarão que nem todos os ideais se realizam, nem todos os amados se sensibilizam.

INCONCLUSO

Conservando uma abertura ingênua que me favorece, sigo acreditando nas pessoas, embarco nesses mares cheios de sonhos onde jamais se naufraga e onde abrigam em suas águas tranquilas todas ternas amizades e quase todas as bondades. Sem grandes perigos, ali posso tranquilamente sonhar, ter todas as vantagens enamorando-me da vida e de todas as coisas tidas como belas.

Morrerei inconcluso.



AINDA TENTO

Ainda tento tornar possível o nascimento do sonho. Considero esta a descoberta mais importante nesse intrincado jogo da sobrevivência. Forneço tudo o que disponho, tento fazer da escrita um saber a mais em nome do benefício do prazer. Tantas vezes deixada de lado, essa poética versão do meu existir andou sucumbindo a outras prioridades menos nobres.

PEDRA DO RIO

A vontade propriamente dita é imensa e infinita. Finito é o tempo de sua demonstração, chega com luz própria, como uma estrela, devagar, iluminando-se e indo passageira como o tempo, bebe toda minha sede, me gasta como montanha e me rola como pedra de rio.



AS SERENATAS

As serenatas que fiz ainda ecoam na memória de quem abriu a janela generosamente e me deixou entrar como um ladrão de sonhos.

HOJE

Hoje, falo ao pé do ouvido, quase murmurando algum mimo feito verso ou canção. Ecoo todos os meus sons até gastar a noite e o dia, até o silêncio fazer-se presente nas vozes cansadas, nos versos gastos, nas canções esquecidas.



ELEJO A OBRA

Quero que a minha vida se estenda por outros corpos, que minha memória guarde-me incólume, se junte à minha extensa e intensa juventude preservada e animada.

CONFORME O CAMINHO

Conforme o caminho, igual quando vim para nascer, não sabia o que me esperava, nunca pensei na estima que me aproximaria da jovial beleza que me inspira a sair por aí descrevendo-a, colaborando com sua memória definitiva como um defensor perene de seu encanto. Recolhido, coberto de esforços definitivamente agudos, frente a uma beleza que fustiga, contemplo tudo o que dali emana, proferindo sentencias, apertando entre os dedos palavras que não deixem escorrer o tempo vazio pelo relógio, constante e frio no avanço.



EM HARMONIA

Em harmonia com a natureza, faço-me sensível às graças e aos reconhecimentos. Assim me restauro, aprendo a ter novas forças, economizo expectativas. Tento livrar-me da intenção com que os bons nascem obrigados, deixo marcas em cada lembrança, carrego a cortesia que adorna. Visto a paz pela bondade alojada.

ENCERRANDO

Como a severidade era uma parte integrante do correto, reproduzi-la, trazia satisfação. Eram posturas que se bastavam a si mesmas, independente de alguma ofensa que pudessem provocar. Aquela severidade geralmente se apropriava dos direitos dos outros, impunha um absolutismo, calando diálogos. Provocava uma fala mutiladora do raciocínio. Interpretava um saber definitivo, encerrando referências.



AMOR ACOSTUMADO

Meu amor se acostumou a sofrer golpes quando pisado por gestos menos nobres. Apressei-me em sair mesmo sem autorização, antes da hora do receio. Sofrer só ensina a sofrer. Li muito mais para buscar inspiração, vocabulário e companhia nessa minha vontade de escrever. Suavizei minha ignorância a cada nova leitura. A escrita é uma arte que aprendo sob determinadas circunstâncias. O ato de escrever culmina no gesto de preocupar-se em cuidar da palavra.

ESTOU CANSADO

Estou cansado da insônia que me fez sentinela desperto, protegendo-me de mim mesmo. Roubo descanso do meu descanso quando percebo que muitos dos meus erros nasceram da pressa. Dela nasceu o impedimento para quem, como eu, tem nas virginais atitudes, insistentes, persistentes, a construção das crenças. Parece que nas crenças o mal não encontra guarida nem acolhida.



SEI QUE

Sei que o bem poderá, em algum lugar, se danar e amofinar, fazendo a doçura perder para a vileza, para a degradação. Não sei quando e onde começar a graça e onde parar a contradição. Avisarei quando fugir dessas regras compartilhadas e aceitas. Caso contrário, como celebrar a existência, o humor renovado pela esperança e pela inovação da tão escassa e sensível inteligência? Posso contar os pedaços que deixei pelo caminho, maneira de tornar mais tolerável minha consciência.

MINHAS CERTEZAS

Estremecem minhas certezas, afetadas pela espessa escuridão. Estalam-se os pisos, os ossos, rangem as portas, as articulações, as coisas que vivi fazem oportunas essas e outras. Eis ao que me refiro: é como se estivesse estampado um sentir que clama por atualização e autorização.



SAUDADE OU POESIA

Deter-se, estranhar, lembrar, significa algo a recuperar, o antes tornado imenso invadindo sem descanso o atual como um acontecido desejante, como um bem que, humilde, espera o instante de lembrar que está à espera de reunir os elementos e os compor como obra, saudade ou poesia.

PARA QUEM

Para quem como eu que vivo de feitos e defeitos, não vou esticar a conversar mais do que o necessário, pois seguir naquilo que me prejudica, só me traria muito trabalho inútil e não ganharia nenhum valor agregado. Compreendi ser inútil alcançar algum fim, porque quanto maior a intromissão, maior a distância de conseguir minha obrigação de acato.

Percebo-lhes a intenção dos intrometidos, cronificam a decepção, desistem com uma facilidade surpreendente, erotizam o perigo, a morte e os riscos extremos, invertendo a ordem de cuidados com que dirigem suas aproximações, negócios e amizades para organizar um sistema constante de descuidos calculados, ainda que, às vezes, inconscientes, são eficientes no caminho do sofrimento como uma glória máxima. Alguns chegam até mesmo a perder toda a vergonha e declaradamente querem destruir tudo o que construí com muito empenho e dedicação. Eles levam diante de si um voto permanente de desconfiança, porque fazem saber seu poder de destruição e de desamor pelo semelhante. Fingem cuidados exagerados, descobertas depois como ofensas disfarçadas.

Acho-me mal escondido, com a consciência a mostra, descoberto na grande omissão desta humanidade que assiste a tudo sem nada fazer. Confirmada a impunidade, dá-se sentido à intromissão.



FUGA

Esta minha inquieta consciência que não descansa, vive controlando meus atos, faz-me saber contagiado, evoco o exemplo dos que tem fé na vida.

Em fuga vivo, guardei-me dentro de casa por causa da seleção e da qualidade, aumentadas as exigências incrementei meu compromisso com o que acho certo e parei de fingir dar razão aos que proliferam falando o que não acreditam e vivendo de exageros, não têm notícia de que há um interior e que os comandos não passam pelo dinheiro e o poder de compra.

Grita quem pode; cala quem pensa.

É COMO

As precipitações, os imprevistos, as compulsões, todas reunidas me dominam em manifestações sem medida. Como corrente caudalosa, a emoção sobe rio acima fazendo decolar a serenidade desejada. Vejo-me, então, perdendo a razão, desviando o sentido da civilidade, proclamando a besta que me habita e que nem sempre domino. Às vezes, reajo, revido, cuspiendo a delicadeza. O detrator que há em mim induz à agitação e ao desespero por me indagar se posso ainda crer. Me aceito melhor como arauto que como anunciador da demissão. Prefiro o papel da acolhida ao da despedida. Por estas contradições, não me reconheço senão pela ira que me consome. Faço e digo aquilo que critico e repudio. Quase me transfiro para o que sou, mas não me reconheço ser, é como virar pelo avesso.

APRENDIZ

Como educador, sou janela a oxigenar o poder da reflexão. A falta de continuidade impede a evolução da informação que, deixada no esquecimento, não evolui. Ser apenas um repassador de vazias mensagens implica em aceitar o fundo, falar em voz baixa e calar o aprendiz.



FAREI SOMBRA

Não me consinto não chegar a tempo para o que a vida me convida a viver. Sonho chegar ao ponto sonhado. Tal as vontades virtualizadas, que o real se mascarou de utopia, velando o meu sono para eu não perda o direito de sonhar. Soam tristemente minhas vontades, todas as grandezas do mundo, todos os amores ganhos nos braços da mulher amada e a primavera distribuindo cores.

DISFARCE

Vestindo como disfarce, uma vergonhosa angustia se esconde e finge uma culpa que não tem, conseguindo assim um pouco de paz na alma cansada.



DESENGANADO

Não uso cautela, suponho expulsando qualquer personagem com amor. Tudo aquilo que fica mudo não precisa manter-se calado. Não sei o que é ter paz, há muito tempo, espantado com a falta do orgulho e do aconchego que serve para curar tristes vazios.

Desenganado pelas coisas vividas e carente de outras muitas coisas, mal posso falar o que conheço e vivo e gozo e sei que ando escondido em algum lugar que faço questão de esquecer.

MEMÓRIAS SELADAS

Suspendo qualquer razão, perco o pudor e confesso que aquilo que eu amo é sempre o mesmo que amei, a graça, a mulher, a nobre acolhida das pernas que me abrem caminho ao prazer e ao mistério, o encanto das bocas que calam e ocupam, e se deixam ocupar pelos beijos que são mais do que trocas, são memórias seladas.



ISENTOS

Nem tudo está perdido, nem tudo à mercê, quando os amores fracassam desativam a vontade de viver. E se deixo a certeza de entre amores se esvaziam e se tornam asperezas, resultam erros isentos de intenções premeditadas, acabam como inclinações contra a vida e qualquer preservação.

BUSCO

Busco dar sentido à vida. Às vezes para evitar que fique como o tempo que passa sem deixar as marcas que constroem as saudades, pois para lembrar martírios, a memória não necessita de ajuda, ela lembra compulsiva e sozinha. São essas as coisas que não precisam ser criadas para diminuir o encanto da vida. Falta-me entender quanto devo e quanto ainda posso.



DA FONTE

Bebendo da fonte, o pouco que brota é o muito que necessito para experimentar que ainda possuo uma alma, que ela espera algo de mim. Tento achar causas que precisem de cuidados para juntar-me a elas, para fazê-las coisas minhas.

Não quero deixar a vida acontecer, já que o tempo acaba. Frequento esses meus dias superpondo a apresentação e a despedida em seus extremos de novidade e perda.

A ÚLTIMA LIÇÃO

A última lição aprendida foi que vivo em um mundo em que se priorizam as vantagens, e onde o que menos se cuida são as pessoas. Isso fez retumbar em mim uma controvertida perda, logo onde uma crença extrema se calcava que o mundo bem encaminhado chegaria a bom termo.



AGUARDO

Aguardo impaciente, a hora de educar a ignorância retardatária que se espalha.

Dividiria em partes a minha alma por prudência, seguindo uma carência própria, nomearia obrigatória a partilha das ideias e das ambições para fazer a ocasião não ser apenas herdar omissões e tolerar este estado das coisas.

SE QUERER ME BASTASSE

Se querer me bastasse, eu queria aquilo que convém para semear o possível, ficar conforme, ouvir uma música, olhar a luz do dia, sentir o perfume de um corpo, o sabor de um beijo e um calor que suavemente me emprestasse o anúncio da vida.

A vida sem vida de nada serve.

Não tenho mal nem bem algum que não caiba na minha espécie. Os bens mudam toda vez que uma indignação mal vinda, banal e incômoda me invade. Tive o atrevimento de gritar o que me faltava, grito desde que aprendi que se me mantenho no silêncio me privam do que é meu. Acostumei-me a correr atrás de os meus direitos, brigo contra o vento, passo por louco, irascível, intolerante, mastigo pedras e me nego a aceitar o despojo imposto toda vez que habito meus territórios com a vivência de que não são meus.

ALI

Ali onde esperava com esperança que nunca acabava desfeita, revirei o pó ali onde a desistência venceria. Fiz da dor meu estado natural até me acostumar a ela. Ao ver-me em perigo ficou mais difícil reunir as virtudes e fazê-las permanecer. Que impediria de fazer daquele momento o caminho da exaustão? Gerado esse encontro de primeira mão, inusitado pelo confronto com um representante desconhecido, enquanto eu pleno de passado fazendo-me um aprendiz de um futuro somente imaginado. Atualizado pelos olhos do leitor da realidade que se apresenta, lhe darei um novo sentido ao romper a mudez e a ignorância.

DESCARTO

Descarto os disfarces que escondem as cicatrizes de uma pele que combina com a idade do portador. Afasto as tintas que mudem minhas cores naturais, os humores sensibilizados, as influências, a banalização dos atos que acabam nivelando a ética dos prudentes à improvisação dos incautos. Renego a farsa que determina as relações sociais postas nas mãos que esvaziam sentidos e aceitam confusões, que nivelam o aceitável e o inaceitável.

Tentando algum consolo que me deixe ver naquela hora as regras não escolhidas, nem escolhendo nem aceitando, utilizando-me dos disfarces.



A DOR DOS VIVOS

Quantos dias na defesa e outros na ofensa, armado com palavras que esvaziadas carregam com ou sem valor que se lhes assignem. Chamem vida ou morte, que

diferença fará? Faz muito pouco tempo eu ainda era só uma criança e agora já sozinho vejo tudo terminar. Quero solidariedade no meu enterro, no meu velório o respeito do silêncio introspectivo e pretendido por mim. Sempre estou por perto acompanhando a dor dos vivos pelos mortos.



DEPENDO

Quanta estranheza vejo nesse meu entristecido buscar!
Como inverter essa ordem que faz do existir uma luta?
Enquanto aprendo a esperar pelas respostas, dependo do tempo e das oportunidades ofertadas.

SEM SENTIDO

Minha alma carrega mágoas que não me pertencem, nem as causei. Assim, meus humildes gestos se transformam para que não pareçam alienações tardias, compreensões ou roteiros ultrapassados e sem-sentido.



ATO MEMORÁVEL

Em ato memorável, declarei-me impotente. Esterilizada a boa vontade, me sinto em pedaços. Por prezar-me, alcancei um pouco da minha própria dignidade e resolvi guardar esta memória que se impõe forte e inamovível. Atualizo-me em todos os vínculos para não comprometer a crença nas pessoas que, por imprudência. Evito maltratá-las com palavras ofensivas. Mesmo assim, incapaz de me conter estremeço ante a surpresa e o arrependimento.

Tudo me faz crer que morrerei com minhas crenças. Busco agarrar-me a algo essencial, alguma raiz, qualquer coisa que tivesse se salvado da adulteração, da pirataria, da falsificação.

OS BENS

Os bens mudam toda vez que uma indignação mal vinda e incômoda me invade. Tive o atrevimento de gritar o que me falta, depois que aprendi que se não me mantenho no silêncio me privam do que é meu. Costumo correr atrás dos meus direitos, brigo contra o vento, passo por louco, irascível, intolerante, mastigo pedras e me nego a aceitar o despojo imposto toda vez que habito meus territórios com a vivência de que não são meus. Quando a lua põe sombra no meu dia, fico triste, com um pouco mais de frio.

Ao final, sempre me confronto comigo, pois para sentir e entender o mundo, tenho a necessidade de reconhecer-me reduzido a minha finitude. Por mais que me busque e encontre, algo permanece escamoteado por uma censura que deixa minha alma de fora. Quase me animaria a afirmar que uma prudente atitude esconde de mim um pudor. Nem tudo legítimo. Com alguma vergonha, depois de muito custo, aceitei ser frágil. Comporto dentro de mim algo mais do que um homem de bem.

MEUS CIÚMES

Respingando meus ciúmes, tudo o que faço é buscar o pior, parcializando meu conceito e roubando tua serena paz.



VOLÁTIL

Nessa volátil atmosfera, não pretendi deixar marcas inamistosas, mas foi o que fiz. Esperava que, lançando-me às cegas, pudesse dar provas de amor e causar admiração pela aventura, antes de cavar o fosso que separa. Minha lembrança é uma dura luta entre a tua presença, que encanta e a admiração que agoniza quando escondes alguma decepção que, por obra minha, te imponho. Eu prefiro tua juventude a minha severidade, já não me basta uma sonhada calma se a lucidez descubro em noites mal dormidas.

A SEMENTE

Renovada a semente, há que se aguardar a flor. Pousada na madrugada, a minha agonia só se acalma porque tenho a ti.



VERTO

Verto tanto poder que me governa me faz perder a delicadeza na adversidade, faz-me ter a insegurança que transpassa a dúvida com demências e furores empresto desconfiança a quem assisto.

A VULNERÁVEL FRAGILIDADE

Se a vulnerável fragilidade nunca foi guarida para minha humanidade, a rota a cumprir se esconde nos mapas. Sigo andando no rastro da amada e não sei mais se sou eu quem segue sonhando ou se me escondo nos seus sonhos. Isso de penas amorosas acaba com as compreensões necessárias à sobrevivência, isso de viver de paixão dilui minha vontade de falar e me deixa em humilde e gentil silêncio.



VOCAÇÃO

Por vocação, justamente não seria essa minha história. Porque animar-me com versos que não crio? Pouco para me animar, vendo-me reduzido a um repetidor do que não crio. Não retenho memórias por consagrar, nem sinto dignos amores para lembrar. Grito desde minha noite para fundir meu medo com a tua presença. Já te perdi sem saber o que perdia, já te tive sem medir o

que me oferecias. A vida me causou dores verdadeiras enquanto os maus tratos se aproximam das gentilezas misturando-se perigosamente, confiando-se como parceiros. Assim se foram os amores nas mãos do incauto quando plantei sonhos e cacei perdas.



VIVO

Vivo de inesquecíveis passagens, as que engrandecem e as que envergonham. Submeto a todas elas a categoria que ameniza a dor e a exaltação para poder digerilas. Acabo em um enredo que tenta ensinar-me uma tolerância estendida. É quando me sinto fazendo parte de um universo harmônico. Faço a proeza de seguir vivo, buscando aprimorar a arte de viver, tirando o foco das dores e apoiando-me no que não dói.

CADA VEZ MAIS

A situação em que me encontro induz a uma espécie de indisciplina com o tempo; entendo cada vez mais, o quão perdido é cada minuto que passa. Ainda que eu queira retê-lo, ele avança, fazendo-se veloz, surdo em seu curso. Não alcanço mais contar com precisão.



RENÚNCIA

Não aceito as declarações, as regras, os mandamentos, os regulamentos impostos de fora para dentro. Seriam adiamentos visando matar o desejo e calar-me a essência. Prefiro desenvolver uma ojeriza à soberania da renúncia.

EM DESUSO

O estranho em que me transformei, preparou-me para os últimos assaltos da luta. A existência dessa constante revolução me faz ter várias opiniões, parir várias intenções com e sem estilo. Posso ficar em silêncio como uma pessoa em desuso.



DEPOIS

Depois da queda de minha arrogância, acostumei-me a tudo, até mesmo a fingir-me conformado com o que nunca aceitei. Precisei adotar uma paciência que nunca tive.

REGIDO

Regido pelo encanto de quem descobre novos direitos, coloco-me à altura dos convencidos que meditam prudentes, fazendo-se especiais para alguém.

A vida me fez pensar sobre a intensidade dos meus sentires, me fez saber que para conquistar uma mulher, se precisa pensar como ela.



SENDO AQUELE

Sendo aquele que não pensa em se emendar, cato virtudes e com elas enfeito meu existir, trazendo constrangimentos e surpresas para o aborrecido que eu estava sendo. Entre silêncios, o sossego se perde na minha intimidade, fazendo alvoroço em toda a extensão dos meus dias. Ser privado da paz é uma das provocações que meu outro eu mais aceita. Perco-me toda vez que trabalho em vão contra meu desejo.

Minhas desculpas já não são mais aceitas por mim. Aos que comigo se preocupam lhes direi estar fora de perigo. A minha causa é controlável, apenas um apetite passageiro, dura o breve tempo de uma paixão. Já logo, esse surto acabará junto comigo. Peço licença para contrariar opiniões e romper expectativas sem dar ou conceder um minuto que autorize o supérfluo a invadir meu tempo depois que o descobri um bem não reciclável.

Roberto Curi Hallal

